**A CIDADE QUE DESAPARECEU E APARECEU EM OUTRO LUGAR: ENTRE CRISES E R-EXISTÊNCIAS AO PROCESSO DE (DES)TERRITORIALIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO RAFAEL-RN**

Gennefyr Mabel da Cunha da Silva - UERN

*gennefyrmabel@alu.uern.br*

Maria Loiza Alves Felipe - UERN

*marialoiza@alu.uern.br*

Mirrayla Campos Feitosa Lacerda – Prof.Ma – UERN

*mirraylacampos@uern.br*

**INTRODUÇÃO**

O Projeto Baixo-Açu começou a ser implementado no ano de 1975, este programa se configurava na época como uma política pública de “combate à seca” e transcorreu a partir das necessidades e condições de vida precárias nessa cidade que enfrentava longos períodos de seca. Dentre as ações estabelecidas no desenvolvimento do projeto a construção da barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves (EARG) é a que mais se destaca. No entanto, a construção da barragem no Vale do Açu não trouxe os benefícios esperados para todos os moradores da região, a exemplo, o município de São Rafael, que teve que ser deslocado para composição da área de inundação da EARG. Isso resultou em um processo de desterritorialização e posterior reterritorialização em outra área, além da perda de identidade que viu suas memórias serem inundadas pelas águas do reservatório.

Sabe-se que esse processo de desterritorialização e, consequente, reterritorialização provocada pela construção da barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves na cidade de São Rafael, ocasionou impactos para essa sociedade. Neste sentido, a questão que emerge é quais foram a relação entre a perda de identidade, as mudanças nos modos de vida e as memórias individuais e coletivas para aquele povo?

Partindo disso, esse trabalho tem como principal finalidade analisar o processo (des)territorialização na cidade de São Rafael. Está pesquisa teve como objetivo geral compreender os problemas acarretados para a população da antiga São Rafael a partir da (des)territorialização sofrida, transpassado por injustiças, tendo em vista que precisaram sair de seu território de origem de forma desumana e evidenciado as perdas materiais e imateriais que a população vivenciou durante e depois do processo que causou grandes impactos sociais e econômicos. De forma especifica, buscou-se discorrer esse período de r-existências que a população passou, para que esse projeto não fosse concretizado, pois além de destruir todas as suas memórias daquele lugar, haveria impactos econômicos por causa da implantação dessa barragem para a população local.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

O início do estudo foi fundamentado a partir de uma abordagem qualitativa sobre a formação teórica acerca do tema em questão, partindo no primeiro momento por uma pesquisa de cunho bibliográfico para compreender aspectos subjetivos da desocupação da área de São Rafael Antiga e da efetivação da nova cidade, no segundo momento foi realizada uma pesquisa documental para abarcar as ações executadas, ainda, tivemos acesso a registros de imagem e relatos populares de como o processo de desterritorialização e territorialização ocorreu e como este impactou em seus modos de vida.

**DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO**

A desterritorialização e a reterritorialização são processos inseparáveis e concomitantes, possui graus e seus limiares e que sempre é relativa, tendo [...] uma complementaridade na reterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2009, p. 69). O processo de desterritorialização pode ocorrer em contexto simbólico, através da destruição de símbolos, marcos e identidades ou em contextos políticos, econômicos e materiais, através da destruição de laços que se desenvolvem sob essas óticas.

Compreendemos a desterritorialização, como o processo de abandono de território, sem a necessidade de que os sujeitos envolvidos no processo estejam de total acordo. Enquanto a reterritorialização é a (re)construção do território, que pode acontecer, inclusive em uma nova localidade (Haesbaert, 2009).

 Em 1970, a população são rafaelense era de 8.724 habitantes (IBGE, 1970), período no qual os projetos de construção do reservatório começaram a ser discutidos. Já, em 1980 a população da localidade era de aproximadamente 8.000 habitantes, sendo que apenas 3.000 ocupavam áreas urbanas e desenvolvendo a agricultura e a pesca como principais atividades econômicas (IBGE, 1980). No entanto, quando o processo de desterritorialização começou a ser executado no final dos anos 1980 a população residente ficou à deriva, com poucas chances de continuar desenvolvendo atividades agrícolas, pois, a “nova” São Rafael, era uma localidade com terras inférteis, que não dava condições para que os residentes se mantivessem, contribuindo para que houvesse migrações para outros municípios.

Contudo, existem poucos dados disponíveis desse período, não sendo possível visualizar os percentuais populacionais referentes ao processo de transferência entre a antiga e a nova cidade de São Rafael, bem como as mudanças para outras localidades, pois na base de estatística do IBGE do ano de 1990 não se encontrou o levantamento censitário da época. No entanto, existem relatos sobre esse momento, alguns destes apresentados durante a realização do evento alusivo aos “40 anos do Projeto Baixo-Açu”, realizado no Campus Avançado de Assú – UERN em 2023, sob coordenação dos cursos de Geografia e História, que apontou para o fato de que boa parte da população do município preferiu mudar-se para outras áreas e não para a localidade recém construída.

Com isso, a população que vivia naquele local que, até então, era próspero e fértil, passa a conviver com a incerteza de uma vida digna. Os moradores perderam suas casas, suas plantações, seu meio de sobrevivência, sua vida e seu território e esses processos sofridos pelas populações atingidas por barragens, como em São Rafael, são caracterizados inicialmente por uma desterritorialização abrupta, que em muitos aspectos não tem a concordância da população, e posteriormente, pela reterritorialização do grupo social em outra localidade, que até a concretização da obra, não tinha ligações identitárias com a população.

**LUGAR E MEMÓRIA**

O conceito de lugar pode ser compreendido a partir de dois eixos epistemológicos, o da geografia humanística-cultural, que o coloca como resultado das experiências vivenciadas pelos sujeitos; e partindo da dialética marxista, onde o lugar assume o papel de um espaço singular (Staniski, 2014). De acordo com Tuan (1983), quando um espaço é familiar, este se torna um lugar. Pois à medida que o espaço é vivido, que tem significado para a pessoa, o lugar é mais concreto que o espaço.

É preciso compreender que o lugar se produz a partir do território. “[...]o território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente sociedade e espaço geográfico [...]” (Haesbaert, Limonad, 2007, p. 42). Com isso, percebemos que as mudanças nas dinâmicas territoriais podem contribuir para a existência de novos lugares.

O lugar enquanto categoria de análise, não se processa apenas pela existência do concreto. No caso de São Rafael, o mesmo se desenvolve a partir das memórias coletivas e individuais que foram construídas pelos sujeitos, incluindo intervalo de tempo entre o momento de sua desterritorialização e sua posterior (re)territorialização, até os dias atuais. É interessante observar que, até mesmo lutas pelos direitos, tomam o imaginário da população e acabam por contribuir para a construção da identidade da atual cidade e seu novo território.

É importante entender que, ao nos referirmos a memória coletiva e individual, estamos falando de lembranças que podem ser acessadas por um grupo de pessoas ou apenas por um indivíduo. Desse modo, a memória individual é “um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os meios” (Halbwachs, 1990, p. 51). Assim, por mais que os moradores vivenciem aspectos comuns, existem traços que os levam a uma memória individual, que representa o lugar a partir da subjetividade da pessoa.

Portanto, preservar as memórias é indispensável, pois é a partir delas que os indivíduos podem manter viva as suas histórias, as suas construções socioculturais, seus modos de vida e produção do território que ocupam. Ao ver as ruínas as pessoas lembram da cidade e resgatam as memórias de um tempo anterior ao lugar que a população habitava e se perderam por causa da construção da barragem e ao processo de desterritorialização sofrido.

**RESULTADOS**

Diante do exposto, percebemos que a cidade de São Rafael, passou por inúmeras dificuldades durante o seu processo de reterritorialização. Dentre estas, destacamos o transcorrer do próprio processo, pois a população foi a mais afetada pela obra de construção da EARG, justificada pelo discurso de impulsão da economia do Nordeste e fomento ao desenvolvimento da região.

Percebemos que houve significativas mudanças nos modos de vida dos atingidos, além de um visível processo de r- existências, pois o planejamento do projeto Baixo-Açu gerou uma grande repercussão entre os moradores da cidade de São Rafael. A ideia de abandonar suas casas e suas vidas, e reconstruí-las em um outro local desconhecido, não agradou a ninguém. Consequentemente, a população resolveu se unir para que suas vontades também pudessem ser consideradas e houvesse r- existência a esse processo que impactou toda população daquele território. Deste modo, podemos apontar que não houve uma projeção do quanto as pessoas seriam afetadas por esse processo e das necessidades que estes poderiam apresentar durante e depois da execução de toda a obra.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos fatos exibidos no decorrer do trabalho, percebe-se o processo de desocupação bruto que a população Rafaelense teve de enfrentar por causa da construção da barragem e como essas dificuldades ainda se fazem presente no lugar que são ocasionadas mesmo após os 40 anos da obra que vitimizou a cidade em questão. Se espera que este estudo possa contribuir significativamente para que essa população que sofreu por causa dessa política adotada na década de 1980 não ocorra novamente em outras áreas, pois a população mesmo com acesso a água por perto ainda enfrentam grandes desafios por causa da obra que foi realizada pensando só no capital que iria lucrar e sem dar as mínimas condições para os moradores que viviam na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** São Rafael. Projeto Baixo – Açu. Desterritorialização. Memórias.

**REFERÊNCIAS**

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. **O território em tempos de globalização**. etc., espaço, tempo e crítica. N° 2(4), VOL. 1, 15 de agosto de 2007.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A MEMÓRIA COLETIVA**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 1970.** Arquivos do IBGE. Rio de Janeiro: 1972.

\_\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 1980.** Arquivos do IBGE. Rio de Janeiro: 1983.

STANISKI, A. et al. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. UNIOESTE. N, 11. Vol 9. 2014

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: São Paulo: Difel, 1983.